

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano IX — Número 103

Julho de 1971

Reforma Dentro da Igreja

Não há dúvida de que na Igreja dos últimos dias se torna necessária uma reforma. A ela se refere a mensagem à Igreja de Laodicéia, que representa o povo remanescente. A ela se referiu também E. G. White, quando escreveu: «É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa». Testemunhos Selectos, vol. III, pág. 254. E é assim que em visões de noite ela viu «um grande movimento reformatório entre o povo de Deus.» Ibid., pág. 345.

Este movimento tem de operar-se em cada um de nós individualmente, condição prévia para que possa atingir a Igreja como um todo. Mas para nós reformarmos não precisamos de sair da Igreja; devemos, pelo contrário, permanecer nela.

Sucede, porém, que através dos tempos se têm levantado, para pouco depois desaparecerem, grupos cujos componentes, em vez de se reformarem a si mesmos, se insurgem contra a Igreja e dela se separam, pretendendo que o seu grupo particular seja a única genuína Igreja.

Não apresentam nenhuma mensagem positiva. O que professam de verdadeiro, baseado na Bíblia ou no Espírito de Profecia, é igualmente professado pela Igreja de que se separaram. A única característica que os distingue é a maledicência. Quando descobrem qualquer imprudência ou falta nalgum crente, e sobretudo nalgum dirigente, regozijam-se como se tivessem descoberto uma peça de grande valor, e logo a adicionam à sua colecção para a apresentarem no momento mais oportuno.

Como Coré e os que o acompanharam outrora na sua rebelião contra quem dirigia o povo de Deus, procuram minar a confiança dos incautos na direcção da Igreja de hoje. E «ao mesmo tempo em que se esforçam por destruir a confiança do povo nos homens que por Deus foram designados, acreditam realmente que se acham empenhados em uma boa obra, fazendo em verdade serviço para Deus.» — Patriarcas e Profetas, pág. 425.

Para realizar essa obra, não receiam deturpar factos, atitudes e palavras. Temos ouvido alguns apresentarem como comprovadas, acusações que sabemos serem absolutamente falsas ou terem uma explicação plausível. O próprio autor destas linhas já foi vítima dessa má fé, quando pretensos reformadores propagaram entre membros da Igreja ter ele afirmado que se não fosse o receio de perder certas vantagens materiais se uniria a eles. Pela falsidade dessa acusação pode-se avaliar a falsidade de acusações levantadas contra outros e o valor dos métodos usados.

Sou o primeiro a desejar uma reforma no povo de Deus. Oro sinceramente ao Senhor que me ajude a pô-la em prática em minha própria vida. Para a realizar, porém, não necessito, nem ninguém necessita, de se revoltar contra a Igreja e de se unir a pessoas cuja mensagem característica é a maledicência.

Com efeito, «eles não possuem as credenciais divinas. Deus não lhes deu tal responsabilidade no trabalho.» — Testemunhos para Ministros, págs. 22 e 23.

«Os que se põem a proclamar uma mensagem sob sua responsabilidade pessoal, e que, ao mesmo tempo que declaram ser ensinados e guiados por Deus, constituem sua obra especial derrubar aquilo que Deus durante anos tem estado a erguer, não estão cumprindo a vontade de Deus. Saiba-se que esses homens se encontram do lado do grande enganador. Não os creiais. Estão-se aliando com os inimigos de Deus e da verdade. Porão a ridículo a ordem estabelecida no ministério, considerando-a um sistema eclesiástico imperialista. Afastai-vos deses; não tenhais comunhão com a sua mensagem por muito que eles citem os Testemunhos e atrás deles busquem entrincheirar-se. Não os recebais; pois Deus não os incumbiu dessa obra.» — Ibid., pág. 51.

E. FERREIRA

In «Revista Adventista», Junho de 1971

Uma carta do nosso Presidente

ESTAÇÃO MISSIONÁRIA DE DOGBA NORTE DOS CAMARÕES

Prezados irmãos em Jesus,

Tenho estado aqui em Dogba com uma jovem família de missionários que abandonaram sua terra natal na Europa para trazer o conhecimento do Evangelho a esta isolada área do norte dos Camarões. Gostaria que pudésseis ver o excelente trabalho que eles estão fazendo e observar seu espírito desinteressado. Eles estão dirigindo o programa evangelístico neste distrito que conta 700 membros batizados. Deus abençoou seus esforços com mais de 100 novos membros para a Igreja durante o último ano. Dirigem igualmente uma escola primária que conta 150 alunos, e a esposa, que é enfermeira, ainda encontrou tempo para trazer a este mundo 49 bebês durante o ano de 1970 em conexão com o seu serviço no dispensário de Dogba.

A estação missionária de Dogba encontra-se a 50 quilômetros do médico mais próximo e a 25 da mais próxima estação de correios. Não há electricidade. Mas apesar da ausência de conforto moderno estes jovens são felizes em seu serviço para o Senhor.

Há poucos anos os animais selvagens constituíam um grave problema em Dogba. As hienas por vezes desciam das colinas mais próximas e arrebatavam bebês, fazendo deles suas vítimas. Contudo ainda há razões para ter receio, mas não é o caso dos nossos missionários. Sua experiência é de confiança e de coragem.

Este casal exemplifica bem as palavras de Paulo ao seu filho espiritual, Timóteo, acerca das qualidades que um ministro deveria possuir: «Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação.» O espírito de temor, nunca deveria ser encontrado nos corações dos seguidores de Cristo. Em vez disso, um espírito de coragem deveria possuir o coração, uma coragem resultante de um contínuo sentimento da presença de Cristo. Sabendo que Jesus está dirigindo, o filho de Deus deve afastar o desânimo. Seu espírito será confiante pois sua fé é forte.

A segunda qualidade, o espírito de fortaleza, é enfaticamente um dom do Espírito

Santo. Fortaleza para obter a vitória sobre o pecado. Fortaleza para viver uma vida centralizada em Cristo. Fortaleza para suportar grandes responsabilidades. Fortaleza para trilhar um longo e difícil caminho em busca de almas. Fortaleza para proferir palavras que transformarão vidas. Fortaleza para conduzir outros a Jesus.

A última qualidade mencionada é o espírito de moderação, ou seja a capacidade de auto-control em face do pânico ou da ira. Só Cristo pode dar a frágeis seres humanos auto-domínio, auto-disciplina, auto-control, que resultará num raciocínio moderado e claro.

No Antigo Testamento encontra-se o relato de uma experiência que dá ênfase às virtudes mencionadas por Paulo. No capítulo 7 do livro dos Juízes encontra-se o relato da vitória de Israel sobre os Midianitas. Deus escolheu Gideão para conduzir o seu exército na batalha e deu-lhe clara evidência de seu chamado. Em resposta ao apelo de Gideão 32.000 homens se alistaram no seu exército. Deus viu que no meio deles havia alguns que eram temerosos e descrentes. Por causa de seu grande número a honra da vitória seria para eles próprios e não para Deus. Por indicação do Senhor, Gideão anunciou: «Quem for covarde e medroso, volte, e vá-se apressadamente das montanhas de Gileade.» Com um coração pesaroso, viu 22.000, mais de dois terços de seu exército, voltar para casa. Novamente Deus deu instruções a Gideão para pôr seu exército à prova a fim de determinar quais eram verdadeiramente corajosos. Quando os soldados foram conduzidos junto de um curso de água, à exceção de trezentos, todos de joelhos beberam tranquilamente a água. Deus então escolheu os 300 que não permitiram que seus desejos os retardassem. Através destes trezentos, Deus demonstrou Seu poder e conseguiu uma vitória decisiva sobre o inimigo. Este punhado de homens possuíam coragem e auto-controle. Eram homens de grande fé.

Seria bom que cada um de nós pudesse hoje examinar seu coração para ter a cer-

Continua na pág. 9

A Liberdade Religiosa

II

por A. Casaca

Vimos no nosso primeiro estudo sobre «A Liberdade Religiosa» a justificada importância com que a notícia do projecto de proposta de lei sobre aquele momentoso assunto, foi recebida por toda a parte.

Como se sabe, Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho enviou à Câmara Corporativa, para emissão do respectivo parecer, um projecto de proposta de lei sobre «Liberdade Religiosa». Para efeito da apreciação desse projecto de proposta de lei e dos que lhe foram enviados, o Governo determinou, nos termos do art.º 105 da Constituição, que o trabalho das secções ou sub-secções que fôr necessário convocar, deve prosseguir ou realizar-se, sem demora.

Começa o preâmbulo do projecto da proposta de lei por acentuar que «o princípio da liberdade religiosa foi introduzido em Portugal pela Lei da Separação do Estado das Igrejas, aprovada pelo decreto de 20 de Abril de 1911, embora a Constituição de 1822 (artigo 25.º) e a Carta Constitucional (artigo 6.º) já permitissem aos estrangeiros o culto particular ou doméstico de religiões diferentes da católica e tanto a Carta (artigo 145.º, § 4.º) como a Constituição de 1838 (artigo 11.º) fixassem a regra de que ninguém podia ser perseguido por motivos de religião, contanto que respeitasse a do Estado. Repetido depois pela constituição de 1911 (artigo 3.º, n.ºs 4.º a 10.º) e recebido pela Constituição vigente (artigos 8.º, n.º 3, 45.º, 46.º e 139.º), o princípio pode considerar-se hoje aquisição definitiva do património jurídico e cultural do País.

O decreto de 20 de Abril de 1911, porém, ao mesmo tempo que separava o Estado da Igreja Católica e reconhecia a liberdade de consciência, submetia as confissões religiosas a um regime que dificultava a sua acção. Em

princípio, o exercício dos vários direitos em que a liberdade religiosa se desdobra ficaria submetido às normas comuns. Mas em diversos pontos estas eram derogadas por preceitos que atribuíam à liberdade religiosa um tratamento de desfavor. Assim, do mesmo passo que se confiscava grande parte dos bens da Igreja Católica e que se estabeleciam disposições lesivas da natural autonomia interna das confissões religiosas e da Igreja Católica em particular, não se reconhecia personalidade jurídica às confissões e proibiam-se as associações puramente religiosas, restringiam-se os direitos patrimoniais das corporações encarregadas do culto, limitava-se a liberdade de culto e de práticas religiosas.

Vários diplomas posteriores, designadamente, o Decreto n.º 3 856, de 22 de Fevereiro de 1918, e o Decreto n.º 11 887 de 6 de Julho de 1926, foram afastando as disposições mais gravosas da Lei da Separação e procuraram remediar as consequências da sua aplicação. E com a Concordata a Igreja Católica acabou por ver satisfeitas as suas aspirações.

O próprio regime fixado para a Igreja Católica, fez avultar as deficiências do tratamento conferido às outras confissões.

Na prática, estas deficiências fazem-se sentir, sobretudo no domínio do direito de associação. As confissões religiosas não católicas têm vivido uma situação de mero facto, com prejuízo para elas e para o próprio Estado.

Na proposta de lei que o Governo tem a honra de apresentar à Assembleia Nacional procurou-se definir e sistematizar as normas fundamentais relativas à liberdade religiosa.

Quanto ao exercício dos vários direitos em que a liberdade religiosa se

Continua na pág. 9

Profecia ou Astrologia?

Constitui um paradoxo que uma geração tão adiantada, que consiga chegar até à Lua, seja tão supersticiosa que gaste milhões de dólares em práticas ocultas. A proliferação de sistemas místicos na era do computador e a fascinação que a astrologia exerce sobre o homem moderno, são uma curiosa contradição de nosso tempo.

A astrologia não é alguma coisa nova. Predizer o destino de seres humanos por meio da posição das estrelas originou-se com os sacerdotes-astrólogos de Babilónia.

Observando que a vida do homem sobre a Terra dependia de fenómenos atmosféricos, como por exemplo a fertilidade do solo, a qual se relacionava com o Sol e a chuva, ao passo que as tempestades causavam prejuízo, chegou-se à conclusão de que os astros e suas imagens representativas nos templos pagãos eram responsáveis por tudo o que sucedia no mundo. Consequentemente, os sistemas de adoração à Lua e ao Sol elaboraram a teoria de que existe completa harmonia entre os fenómenos observados nos céus e as ocorrências terrestres.

Por estranho que pareça, até mesmo o povo de Deus se deixou fascinar por esse culto sedutor. Associando-se aos adoradores de Baal, um dos principais deuses do panteão cananeu, os filhos de Israel deturparam gradualmente sua teologia e estricteza moralidade.

E não é de surpreender, quando compreendemos que o desmoralizante culto de Baal era efectuado a céu aberto, ao redor de altares rústicos cercados de imagens de Astarote e colunas simbólicas, de pedra. Estimulados pela música voluptuosa e os símbolos eróticos, os adoradores se entregavam a orgias e danças licenciosas. Consequentemente, a ardente ira de Deus recaía sobre o Seu próprio povo, por se deixar seduzir pelo de Baal (ver Juízes 2:11-15).

Descrevendo a aviltante apostasia de Israel, Ellen G. White expõe a causa dessa degradação nas palavras seguintes: «Sob a danosa influência do reinado de Acabe, Israel afastou-se do Deus vivo, e corrompeu seus caminhos perante Ele.

...Imagens de Baalim e Astarote estavam em todo lugar para serem vistas. Templos idólatras e bosques consagrados em que se adoravam as obras das mãos dos homens foram multiplicados. O ar estava poluído com o fumo dos sacrifícios oferecidos aos falsos deuses. Montes e vales resoavam com o ébrio clamor de um sacerdote pagão que sacrificava ao Sol, à Lua e às estrelas». — Profetas e Reis, pág. 115.

Apostasia e corrupção moral constituem o inevitável resultado quando os seres humanos se afastam de Deus e Seus profetas, volvendo-se para forças ocultas como meio de determinar o presente e o futuro. A credulidade do século vinte é deveras prodigiosa. Rejeitando a profecia bíblica, ela aceita com facilidade os enganos que anjos caídos apresentam por intermédio de ciências ocultas.

Por conseguinte, ninguém deveria dizer que a paixão astrológica moderna é caprichosa e excêntrica. Existem sólidas evidências de que alguns dirigentes políticos, financeiros e sociais encaram com a máxima seriedade a divisão da História em segmentos controlados pelos signos do Zodíaco.

Segundo essa teoria, vivemos agora na época do Aquário. Adoptando o ar como simbolismo, o signo do Aquário promete (1) novo avivamento espiritual, (2) fraternidade universal, (3) ampla erudição e (4) abandono de inibições prejudiciais.

Se observarmos bem alguns característicos atribuídos a este período zodiacal — especialmente o novo avivamento espiritual e o aumento de erudição, — notaremos que constituem subtis falsificações de profecias bíblicas referentes ao último período da história humana. É significativo que a Feira Woodstock de Música e Arte, que reuniu 400.000 jovens em Betel, Nova Iorque, nos dias 15 a 17 de Agosto de 1969, foi anunciada pelos seus patrocinadores como «Uma Exposição de Aquário».

Alguns sociólogos declaram que esse grande ajuntamento da jovem guarda numa fazenda de Nova Iorque demonstra eloquentemente a introdução de um novo sistema de valores e a rejeição de um sistema mais antigo. Não é difícil determinar se essa de-

monstração estabelecia um novo sistema de valores ou o descabimento moral, visto que as agências noticiosas existentes nesse local descreviam a «predominância de vestuário psicodélico, LSD, maconha e música acompanhada de saracoteios, conducente a nudez espontânea e a sexualidade ostensiva e casual».

Seria isso um cumprimento do que é sugerido pela época do Aquário — «o abandono de inibições prejudiciais»? Deixamos que o leitor decida se essa duvidosa insinuação e prática provém de Deus ou de Satanás, da profecia bíblica ou de ciências ocultas.

Indubitavelmente, o ocultismo está-se alastrando rapidamente entre todas as classes. Alguns calculam que há 10.000 astrólogos de tempo integral, nos Estados Unidos, e 175.000 que exercem ocasionalmente essa profissão. Mais de 1.200 jornais diários publicam horóscopos. Além disso, certos grupos musicais publicam álbuns que retratam assuntos astrológicos, ao passo que as revistas procuram aumentar o interesse do povo a esse respeito. Noutras nações, milhares de pessoas contam-se entre os seus partidários.

Outrossim, cursos de astrologia e feitiçaria são oferecidos em estabelecimentos de ensino de boa reputação. Alguns receiam que tais estudos «afectem perigosamente o cérebro» e ocasionem até psicose pública.

Pensemos uns momentos nessa lúgubre possibilidade de funestos poderes controlarem o pensamento das massas com referência a eventos futuros. Quando as pessoas voltam as costas para a interpretação profética da História, na qual Deus é o Senhor da vida, da morte e do futuro, tornam-se susceptíveis a perigosas teorias que se originaram na mente do grande adversário, Satanás.

O anseio do mundo moderno por libertação dos erros do passado é compreensível. Desde o princípio a humanidade tem procurado livrar-se da guerra, do crime da injustiça e da ganância. E é precisamente isto que a astrologia oferece ao mundo hoje em dia.

Alguns replicam imediatamente: O que existe de pavoroso nesse sentido? — Apenas isto: Essa teoria projecta uma idade de ouro sem Deus.

As Escrituras predizem que a época que precede a segunda vinda de Cristo será assinalada por violência, calamidades, fome, terror e guerra avolumante. Quando o povo de Deus vir acontecer estas coisas, ele sabe «que está próximo o reino de Deus» (S. Luc. 21:31) — não a era do Aquário.

Acomodar a mente a falsas esperanças e a ciências ocultas prepara eficazmente os seus adeptos para a aceitação de enganos fatais. O anelo de uma época esplendente, caracterizada por fraternidade, cooperação e perspectivas mais brilhantes, pode muito bem servir de trampolim para o engano culminante de Satanás.

Em que consiste esse «poderoso engano, quase invencível?»

Eis a resposta: «Como acto culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem há muito tempo professado considerar o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio. ... Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom manso e compassivo apresenta algumas das mesmas verdades celestiais e cheias de graça que o Salvador proferia; cura as moléstias do povo, e então, em seu pretenso carácter de Cristo, alega ter mudado o sábado para o Domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. Declara que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de seu nome, pela recusa de ouvirem seus anjos a eles enviados com a luz e a verdade. É este o poderoso engano, quase invencível». — O Conflito dos Séculos, págs. 675 e 676.

Em vista do que está para ocorrer, que devemos fazer? Estudaremos com mais afinco as profecias bíblicas? Conservar-nos-emos calados? Será que a rápida difusão e aceitação dos embustes do ocultismo não pode ser atribuída ao aparente silêncio da igreja com referência a assuntos proféticos?

Acaso não chegou o tempo para as positivas e esperanças predições de Daniel, João e outros profetas da Bíblia impugnarem os estrambóticos e fantásticos prognósticos que cativam actualmente a atenção dos homens? Não seria bom que os púlpitos, as instituições, os periódicos e os livros adventistas do sétimo dia proclamassem novamente a eterna verdade de que «o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, «e que em nosso tempo» o Deus do Céu suscitará um reino que não será jamais destruído» (Dan. 4:17; 2:44)?

Oxalá a igreja remanescente de Deus se levante e refute as subtilezas dos poderes das trevas pela exposição da segura palavra profética, como «uma candeia que brilha em lugar tenebroso» (II S. Ped. 1:19).

Visado pela Censura

Página



da

Juventude



Às Moças

Como há-de a moça saber se o homem que pretende sua mão possui as qualificações que farão dele um bom esposo? A formação de um lar feliz significa por certo bastante para ambos os cônjuges; mas, em sentido mais real, significa muito mais para a mulher que para o homem.

Não há regra infalível pela qual se possa dizer, em um caso dado, se determinado jovem é justamente o homem para certa moça. O coração, a cabeça e a alma da jovem, dirigidos pela maior sabedoria que lhe possa ser dada por Deus, não-de ser o tribunal a que ela apele.

Primeiramente, é ele um homem cuja idade se aproxime à dela? É verdade que muitos lares se formaram apesar de haver grande diferença de idade entre os cônjuges; mas em geral convém que o homem tenha uns três ou quatro anos mais que a mulher. Há para isso razões tanto físicas como mentais. A dificuldade do ajuste será tanto menor quanto menos se distanciem as idades.

É ele um homem verdadeiro, ou não passa de um manequim? É um homem a quem os demais admiram e respeitam? Tenha a moça cuidado com os homens de quem os demais não gostam e a quem não respeitam. É ele pessoa de bom físico e de corpo forte? É verdade que muitas mulheres que se casaram com homens que não tinham saúde foram felizes; mas ninguém poderá duvidar de que a má saúde do que há-de ganhar o pão para a família faz perigar a felicidade do lar.

É ele moralmente puro? Viveu a espécie

de vida que o levará ao altar do matrimônio livre de mancha física? Tem-se publicado muitas estatísticas que demonstram a grande proporção de homens que não consideram obrigatória a pureza de vida. Nenhuma jovem pode permitir-se ignorar o facto de que ela, como esposa e mãe, terá de ser a que mais sofra em caso de qualquer possível tara física do marido, resultante de sua impura vida anterior.

Tem esse homem vida mental activa? Nestes tempos em que as estatísticas mostram o valor da educação adquirida em colégios superiores, deve a jovem perguntar: «Tem ele boa instrução?» Deve-se recordar, no entanto, que nem todos os que frequentaram colégios superiores são, necessariamente, educados, e que não estão privados dos elementos da educação os que não o fizeram. Tem ele mente activa? Estuda ainda? Tem aspirações intelectuais? Manifesta em seus interesses, conversação e leituras verdadeira actividade mental?

Outras perguntas sérias que a jovem pode fazer a si mesmo são as seguintes: «É ele de boa família?» «Foram os pais felizes em sua vida doméstica?» É verdade que a jovem não se casa com a família do noivo, mas em noventa e nove casos dentre cem, ela terá muito que ver com a família, e poderá dizer, por meio do proceder do pai do rapaz para com sua esposa, ou dele mesmo para com a mãe e irmãos, qual será sua atitude para consigo mesma.

Transcrito

“É quem sabe se para tal Tempo, como este, chegaste a este Reino?”

Por A. Casaca

II

A jovem e formosa rainha Ester, arriscando a sua vida para cumprir a vontade de Deus a seu respeito, ensina-nos, precisamente, uma maravilhosa lição, registada na Sagrada Escritura, para nós, para cada um de nós, neste tempo decorrente.

Outros maravilhosos exemplos de outras personagens, tanto no Antigo como no Novo Testamento, encontramos, profusa e sugestivamente registados, devendo servir-nos de estímulo — pois para isso é que ficaram ali escritos.

Recordemos alguns deles, sumariamente:

Abraão, o pai dos crentes; destinado a ser o progenitor de grande descendência que não poderia contar — numerosa como as estrelas.

Jacob, dando origem às doze tribos, entre as quais a privilegiada que seria a do Messias.

Moisés o grande profeta, o libertador do Povo de Deus.

Sansão: o mais forte de todos os homens, libertador do povo de Deus.

Samuel, profeta, juiz, dedicado inteiramente ao seu Deus.

Isaias e Jeremias comissionados para darem a mensagem de advertência do arrependimento ao povo de Deus.

João Baptista destinado a preparar o caminho para o Messias.

E, agora, neste momento histórico, o caso é connosco, dilectos Irmãos e Irmãs.

Fomos chamados para a bendita luz; fomos dada a bem-aventurada esperança; estamos na Igreja de Deus e, agora mesmo, estamos a ler esta minha humilde mensagem para que nos consciencializemos acerca dos planos que Deus tem a nosso respeito e os executemos.

A este respeito, assim lemos na página inspirada da Irmã White: «A cada um foi distribuída a sua obra e ninguém pode substituí-la por outra. Cada um tem uma missão de admirável importância, que não pode negligenciar nem passar por alto, uma

vez que o seu cumprimento envolve o bem de uma alma, e a negligência da mesma, a ruína de uma criatura, pela qual Cristo morreu». — (*Review and Herald*, de 12 de Novembro de 1893).

A verdade é que, se alguém não realizar os planos de Deus a seu respeito, isso mesmo se fará, por outra pessoa e por outros meios. O plano de Deus é que não deixará de ser cumprido.

Noutro passo, diz-nos ainda a Irmã White: «Cada qual tem um papel a desempenhar; a cada qual é outorgada uma parcela de luz, de acordo com as necessidades de seu tempo, e suficiente para o habilitar a desempenhar-se da missão que lhe está assinalada». — (*O Conflito dos Séculos*, pág. 356).

Irmãos e Irmãs! Ninguém de nós está isento de trabalhar para o avanço da Obra.

O facto de estarmos a ler estas singelas linhas — repito — é um sinal de que Deus espera da nossa parte, o maior entusiasmo para trabalharmos por levar a Mensagem do Advento ao maior número possível de almas.

Fomos colocados aqui nesta terra; habitamos nesta localidade; trabalhamos neste local; temos esta determinada profissão; convivemos com estes nossos conhecidos e vizinhos — precisamente porque Deus quer que lhes falemos de Jesus, do amor de Deus para connosco, do sacrifício do Salvador e, de uma maneira especial, da bem-aventurada esperança.

Salientemos os sinais que por toda a parte nos dizem que o Senhor Jesus vai voltar.

O tempo vai findar. Não o podemos desperdiçar.

Nós também, tal como Ester, fomos chamados para este tempo, para sermos na terra em que vivemos, entre os nossos vizinhos, conhecidos, amigos e parentes os arautos do amor de Deus e da Segunda Vinda de Jesus.

Justificação pela Fé

por M. S. Castro

A razão capital e fundamental de todo o evangelismo é salvar o povo. Não podemos esquecer que o evangelho é «o poder de Deus para a salvação», e qualquer esforço evangelístico que deixe o povo em situação periclitante, falha em realizar seu mais elevado propósito. Não estamos meramente advertindo ou doutrinando as pessoas, mas levando-lhes a salvação. Não devemos unicamente aprender o dever de obediência à lei de Deus mas a apoiar-se n'Aquele que «é poderoso para salvar» os homens da condenação da lei e capacitá-los a guardá-la. Somente criaturas salvas poderão de facto, guardar os mandamentos de Deus. Parece-me que é justamente aqui onde há uma inversão de valores. Tenho conversado com centenas de Adventistas do 7.º Dia que estão firmemente convencidos que serão salvos pela guarda da Lei de Deus. Em muitas igrejas no Brasil, onde apresentei este assunto da justificação pela fé, onde perguntei se nossos irmãos tinham a convicção de estarem salvos em Cristo, depois de se tornarem membros da igreja há muitos anos, fiquei deveras preocupado porque a maioria, se mostraram incertos quanto a sua salvação. Sempre exclamam, queremos ser melhores no futuro, e queremos nos salvar. Estão colocando a sua salvação no futuro, neste futuro, que é incerto e que não nos pertence. Assim diz a serva do Senhor: «Oh, quem me dera servir-me de uma linguagem suficientemente vigorosa para causar a impressão que desejo sobre meus companheiros de obra no evangelho! Meus irmãos, estais lidando com as palavras da vida; estais tratando com espíritos capazes do máximo desenvolvimento. Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assumpto aos Céus, Cristo vindo outra vez deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, por tal forma, que ele apresente estas verdades (Salvação pela graça) em amor e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será relevado». — Obreiros Evangélicos, pág. 155.

Procurarei transcrever aqui uma experiência relatada no livro «Exaltai-O» que muito me impressionou:

No congresso de evangelismo realizado em Filadélfia há mais de dez anos, foi re-

latada interessante experiência sobre aproximação doutrinária dos corações. Um evangelista e seu companheiro estavam dirigindo reuniões cada noite durante a semana, apresentando as verdades probantes e dando ênfase ao dever de guardar a lei e o sábado. Estavam dando a mensagem «um somido certo» e fielmente advertindo o povo. Sua atenção foi especialmente atraída para três homens que estavam vindo regularmente cada noite e que sempre se assentavam juntos próximo da parte frontal do pavilhão. Pareciam profundamente interessados, e os evangelistas pensavam que seriam dos primeiros a tomarem posição ao lado da mensagem. Mas uma noite faltaram os três. Os obreiros manifestaram alguma preocupação, mas pensaram que talvez enfermidade ou possivelmente negócios os impediram. Certamente voltariam na reunião seguinte. Passou-se toda uma semana e eles não mais foram vistos. Os obreiros ficaram pesarosos pela ausência deles, pois haviam contado que decerto aceitariam toda a mensagem. Depois de uma semana, porém voltaram, e ocuparam seus lugares costumeiros na parte da frente. Pareciam mais interessados que nunca. Havia novo brilho em seus olhos. Algo por certo lhes acontecera durante a ausência que os levou a sentir mais desejo pela verdade.

No final da reunião dessa noite o evangelista se aproximou deles e disse: Estamos alegres por vê-los de volta. Notámos que estiveram ausentes durante uma semana. Um deles replicou: «Sim, durante a semana passada houve reuniões do exército da salvação na cidade e nós fomos lá para alcançar a Salvação. Sentíamos necessidade de conversão e de Cristo. Agora que encontramos lá o caminho para Cristo, voltámos aqui para aprender mais acerca das doutrinas.» É excusado dizer que nosso obreiro sentiu-se condenado e envergonhado. Não estaremos nós como obreiros e membros de igreja, muitas vezes tomando a mesma atitude? Quando aprendermos como salvar almas para Cristo e não simplesmente convencê-los de suas obrigações de obediência para com Deus, então o Espírito do Senhor será derramado sobre nós em nosso evangelismo e Ele acrescentará à igreja diariamente tantos quantos forem salvos. Somente homens salvos e regenerados podem

guardar uma lei santa e render obediência a Deus. Quando levamos homens e mulheres inconversos a aceitar a lei e o sábado alcançamos bom êxito em fazer legalistas. Precisamos é introduzir os homens à presença de Cristo. Tenho pregado muitas vezes que nossa igreja hoje atravessa uma crise. Não financeira, nem por falta de liderança. Não estamos em crise porque nos falta conhecimento das doutrinas. Somos o povo no mundo que mais conhece a Bíblia. As estatísticas provam que nossas igrejas estão cheias de novos membros, e falamos nisto com muito orgulho. Mas irmãos, preocupe-me o facto que é justamente aqui, onde está a crise. Parece-nos até um contrassenso falar em crise. Mas na realidade essa crise é real. Nossas igrejas estão-se enchendo de homens e mulheres convencidos, e não convertidos. Homens e mulheres que se renderam ao peso da verdade que a igreja Adventista do Sétimo Dia prega. Todavia nunca alcançaram uma experiência com Cristo. Creio que nosso ministério deveria encarar este assunto como um desafio. Nós ministros deveríamos sentir em nossas vidas a influência de uma nova conversão. Quando houver em nossos olhos novo brilho, em nossos lábios a brasa viva do altar do Senhor, e nossos corações verdadeiramente convertidos, eu estou certo que nossas igrejas serão diferentes. Nossa exclamação deveria ser aquela que expressou o rei David: «Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustem-me com um espírito voluntário.» Salmos 51:2, 12.

Muitos dos nossos ministros têm apenas feito sermões, apresentando os assuntos por meio de argumentos, para provar a verdade, e mencionando pouco o poder salvador de Jesus. De todos os professos cristãos devem os Adventistas do Sétimo Dia ser os primeiros a levantar a Cristo perante o mundo. Foi a cruz, esse instrumento de vergonha e tortura, que trouxe esperança e salvação ao mundo. *Actos dos Apóstolos*, pág. 77.

Quando vos tiverdes por pecadores Salvos unicamente pelo amor do Pai celestial, então tereis amor e compaixão por outros que sofrem no pecado. Então não mais defrontareis a miséria e o arrependimento com ciúme e censura. Quando o gelo do amor próprio se derreter de vosso coração, estareis em simpatia com Deus, e palmilhareis de Sua alegria na salvação perdida. Que o Senhor nos tome pela mão e nos indique o caminho ao pecador, afim de lhe dizer: Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, pelo peso do pecado e eu vos salvarei.

A Liberdade Religiosa

Continuação da pág. 3

traduz, manteve-se a regra de que, em princípio são aplicáveis as normas gerais relativas aos mesmos. Por isso se mantiveram os regimes especiais já vigentes quanto à liberdade de reunião para fins de culto e à liberdade de associações religiosas. Por igual razão se propõem normas novas, também especiais, quanto ao reconhecimento, personalidade jurídica e funcionamento das confissões religiosas e liberdade para ensino e formação religiosa.

Aponta-se, finalmente, que de acordo com o disposto na Constituição se submete à apreciação da Assembleia Nacional apenas a disciplina do exercício da liberdade religiosa na Metrópole. Mas, o regime que vier a ser aprovado deverá, naturalmente, de ser estendido, nos termos constitucionais, ao Ultramar.

No próximo estudo veremos as bases e fundamento da LIBERDADE.

Uma carta do nosso Presidente

Continuação da pág. 2

*teza que o espírito de temor não nos está atrasando em nossa tarefa de apressar a volta de Jesus. Para podermos atingir os 325 milhões de pessoas de nossa Divisão, precisamos de possuir as virtudes apresentadas pelo apóstolo S. Paulo, o espírito desta família de missionários que está trabalhando diligentemente na estação missionária de Dogba no coração de Africa. Somos admoestados: «Nosso precioso Salvador convida-nos a nos juntarmos a Ele, a unirmos nossa fraqueza à Sua força, nossa ignorância à Sua sabedoria, nossa indignidade aos Seus méritos». (*Great Controversy*, pág. 623).*

Oremos para que o espírito de coragem, o espírito de fortaleza, o espírito de amor e de moderação possa caracterizar-nos na qualidade de obreiros de Deus e possa ser demonstrado em todos os nossos empreendimentos para Ele.

Vosso para um mais corajoso serviço para Cristo,

C. L. POWERS

A ORAÇÃO

por Ester L. Kohler

«Conta-se que Spurgeon quando menino, na primeira vez que ganhou um prêmio na escola pelas notas obtidas nos exames, emocionado pelas palavras de elogio recebidas das autoridades, correu a seu quarto e orou: 'Senhor, trago-Te o Prêmio e as honras, são Teus. Tu me deste a vida, as forças e a inteligências. Tu mereces o prêmio e não eu'. Esta foi a atitude do grande pregador durante toda sua vida».

Na antiguidade, o rei David apesar de suas deficiências, foi homem de oração; sua vida foi uma expressão de oração e muitos dos seus salmos mais conhecidos são orações. A oração para ele era uma conversa informal com Deus, na qual Lhe contava o bem e o ruim, que Lhe havia ocorrido: «À tarde, pela manhã e ao meio-dia farei as minhas queixas e lamentarei; e Ele ouvirá a minha voz». Salmo 55:17.

Daniel foi outro homem de oração, reservando tempo especial para isto: «... três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças diante do seu Deus...» Daniel 6:10.

É desejo de Deus que oremos, que Lhe contemos nossas vitórias, nossas derrotas, perplexidades e anseios. Ele tudo ouve e atende nossos pedidos da forma que nos será melhor. «Invoca-Me, e te responderei». Jeremias 33:3. Por outro lado, sobre aqueles que não oram, Deus derramará Seu desagrado: «Derrama a Tua indignação sobre as nações que não Te conhecem e sobre os povos que não invocam o Teu nome...» Jeremias 10:25.

Na Bíblia encontram-se inúmeras ilustrações nas quais Jesus mostrou o valor das orações: primeiramente no caso da viúva importuna. Sua causa devia ser julgada por determinado juiz, mas este sempre prote-lava a decisão do caso; a viúva foi todos os dias lembrar-lhe o assunto e ele resolveu atendê-la para ver-se livre dela. Um outro exemplo é o de um homem que à meia-noite foi pedir pão ao vizinho, explicando que haviam chegado visitas e ele estava desprovido. O vizinho estava com sono e sem muita vontade de atender o pedido, mas atendeu para ter sossego e voltar a dormir. Outro caso bíblico é o do pai que deu pão ao filho quando este lho pediu e não uma pedra ou algo semelhante.

Destes exemplos podemos tirar várias

conclusões: Ao orar devemos ser importunos; se temos a certeza de que nosso pedido é justo, devemos repeti-lo, pois muitas vezes Deus nos prova a fé ao demorar em atender-nos. Não precisamos temer fazer nossas orações a qualquer hora, em qualquer lugar. Deus sempre nos ouve e Ele está disposto a nos dar boas dádivas, muito mais que um pai a seu filho.

O próprio Jesus deu-nos um exemplo de vida de oração, vivendo nesta Terra: «Naqueles dias, retirou-Se para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus.» S. Lucas 6:12.

Os antigos patriarcas foram homens de oração, e seus altares foram marcos destas orações em suas peregrinações; profetas e apóstolos também foram homens de oração. Sentiram todos esses a necessidade de orientação divina para fazerem o melhor.

A palavra «oração» vem do hebraico «lachs» e do grego «proseuche» e significa um desejo, pedido e expressão de adoração. Existem diferentes meios e modos de oração: meditação — «as palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na Tua presença, Senhor...» (Salmo 19:14); intercessão — «exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, acções de graça, em favor de todos os homens» (I Timóteo 2:1); súplica — «O Senhor ouviu a minha súplica» (Salmo 6:9).

Os conceitos humanos quanto à oração são vários:

— Oração é o sincero desejo da alma, revelado ou oculto. O impulso do sub-consciente que treme no coração. (James Montgomery).

— Oração é o mundo em afinação, a voz do espírito, uma alegria vocal, cujo eco são as delícias do Céu. (Moors)

— Oração é o meio que liga a mente do homem à mente de Deus.

— Oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo.

— Oração é para a alma o que o pão é para o corpo: sem ambos não existirá vida alguma.

— Oração é a linguagem que todos os homens têm em comum.

— Oração é o canal aberto por meio do

Continua na pág. 12

BOLETIM ADVENTISTA

A Capital perdida dos Hititas

II

por Daniel Dupuy

A característica principal das ruínas de Alaja-Huyuk reside no facto de ter estado a cidade rodeada por muralhas circulares, a certa distância de uma elevação central sobre a qual foi edificada a acrópole que tem um aspecto de um castelo bem defendido por sistemas de bastiões. Uma das rampas é atribuída aos guerreiros hicsos que dominaram o Egipto na época dos patriarcas Jacob e José. O mais interessante de tudo o que se acha no lugar — pois a maior parte dos objectos foram levados para os museus — é a Porta das Esfinges. Estas foram esculpidas em grandes blocos de pedra, havendo nelas também o símbolo da águia com duas cabeças que se tornaria o emblema da águia dupla de alguns povos modernos.

As ruínas de Alaja-Huyuk apresentam diversas cenas da vida dos hititas a 32 quilómetros da capital do seu império. Nos baixos-relevos simbolizavam-se diversos animais que recebiam culto entre os quais o touro e o cervo. São também apresentados episódios de caça e, o que se tornou mais interessante, aparecem cenas de festas nas quais figuram os instrumentos de música. Para os que se lembram de como alguns críticos atacavam o livro bíblico de Daniel, supondo que datava da época dos gregos, por mencionar em aramaico o «sumphoneya», equivalente ao «sumphonia» dos gregos ao qual se referiu Políbio, os monumentos de Alaja-Huyuk revestem-se de especial interesse. Com efeito essa espécie de gaita, que geralmente era feita de pele de cão, é representada em todos os seus portamentos, e se torna evidente que era usada em meados do segundo milénio antes de Cristo, de modo que sua menção no livro de Daniel não constitui um anacronismo, com tanto maior razão quando nos lembramos, além disso, de que Nabucodonosor se relacionou com os mercenários gregos, por meio dos quais esse instrumento pôde che-

gar até Babilónia, de modo que esse argumento dos críticos cai por terra diante das descobertas arqueológicas.

O hititólogo que me acompanhava naquela inesquecível visita, perguntou-me se havia notado como os hititas se vestiam. Enumerei o que havia visto, principalmente nos baixos-relevos de Jazilikaya: guarda-chuvas pontiagudos, sapatos com bico muito comprido curvado para cima, e traje que chegava até aos joelhos. Mostrou-me então a fotografia que obtivera de um camponês. Ao perguntar-lhe se se tratava de um civil que se disfarçara para imitar um dos seus antepassados, respondeu-me:

— Não! não! Esta é a vestimenta dos camponeses que vivem actualmente na zona de Marash!

— Este caso demonstraria a permanência de certos costumes dos povos ao longo da sua história, embora chegassem a esquecer-se da escrita...

— Imagine que isto ocorreu durante mais de três mil e quinhentos anos! Significa que os hititas sobreviveram às invasões dos assírios, persas, gregos, romanos, tártaros e otomanos, e que os conquistados conquistaram os conquistadores com seus sapatos, uma vez que foram adoptados pelos sultões!

Enquanto voltávamos, um dos arqueólogos relembrou-me de que a primeira pessoa a tornar conhecidas as misteriosas inscrições hititas aos europeus foi o viajante suíço Johann Buckhardt, que havia copiado uma porção de sinais ao passar por Hamath, na Síria. Mas o desventurado viajante não viu a publicação deles, visto que as inscrições foram editadas em 1822, cinco anos depois do seu falecimento no Cairo, onde sua memória tem recebido homenagens até hoje.

Enquanto prosseguíamos para a cidade de Ankara, recordamos a importância histórica dos hititas, esquecidos pelos historia-

dores do mundo clássico e postos em dúvida por alguns críticos que não queriam aceitar o testemunho veraz da Bíblia. Graças ao deciframento dos sinais cuneiformes e dos hieróglifos hititas interpretados há alguns anos atrás, ficou demonstrada a veracidade da Bíblia e a extensão geográfica do Império Hitita.

Os descendentes de Hete, filho de Sem, entraram amplamente no quadro histórico, de tal maneira que é fácil imaginar o patriarca Abraão adquirindo de Efrom a cova de Macpela para sepultar Sara, e onde ele memo, bem como Isaque, Rebeca, Léia e Jacob seriam sepultados. (Ver Génesis 23: 1-20; 25:9 e 10; 49:29-32; 50:12 e 13).

As descobertas relacionadas com a realidade histórica dos hititas marcaram novos rumos no campo das investigações. Os historiadores ficaram desconcertados. Henri Berr, director do Centro Internacional de Síntese, que havia planejado cuidadosamente a longa lista de obras das quais encarregou a diversos especialistas, tendo já publicado 41 volumes, até a época feudal, teve que voltar atrás para que alguém se ocupasse dos esquecidos hititas. Desse modo Louis Dedaporte percorreu durante três anos as ruínas do Império Hitita e, em 1936, apareceu o volume 8 em duplicata, da colecção, que levou o título de *Les Hitites*. Quando o professor Berr prefaciou a obra de Delaporte, fez a seguinte declaração:

«Os hititas, nesta ressurreição do passado, constituem um dos casos recentes do mais vivo interesse. Se seu nome, amplamente conhecido só na Bíblia, havia aparecido nos textos egípcios e assírios, ignorava-se sua raça e sua língua, sua organização social e seu grau de civilização intelectual: seus contactos com os povos da Ásia e da África não davam a conhecer nada a respeito deles de forma contínua, não representando senão alguns pontos que emergiam sobre o abismo do esquecimento no qual haviam mergulhado.»

O valor das escavações arqueológicas e dos deciframentos dos textos descobertos, foi tal que nosso século esteve assistindo ao que se denominou «a ressurreição das civilizações». Como o arqueólogo se coloca em contacto directo com os vestígios dos povos que datam da época dos acontecimentos que interessam ao historiador, descreve informações de interesse que permi-

tem voltar o curso da História até épocas remotas das quais se tinha conhecimento exclusivo por meio dos livros mais antigos da Bíblia que, deste modo inesperado, ficaram plenamente acreditados como fonte de informação fidedigna.

A ORAÇÃO

Continuação da pág. 10

qual Deus opera a Sua vontade soberana. A oração é o que nos dá forças para a vida. Não precisamos ter vergonha de orar, mesmo que nunca o tenhamos feito. Deus nos ouvirá e Ele espera ansioso por este momento.

«No fim da Segunda Gerra Mundial, a atenção do mundo foi atraída para a admirável experiência do capitão Eddie Rickenbacker, famoso aviador, que, depois de ver os horrores da guerra e enfrentar a morte certa, voltou para contar a história de como ele com sete companheiros se salvaram miraculosamente, depois de flutuarem vinte e quatro dias torturantes e quando suas forças e ânimo quase se tinham exaurido.

«No gabinete do ministro da guerra norte-americano, poucos dias após seu regresso aos Estados Unidos, contou o capitão Rickenbacker, que, na noite de 31 de Outubro, ele com sete oficiais do exército tomaram um avião e partiram em missão especial para o sul do Pacífico. Na manhã seguinte, a bússola e o rádio não mais funcionavam, e eles se perderam completamente. Esgotada a gasolina, tiveram que descer no oceano. Conseguiram tomar três botes pneumáticos, enche-los e subir a bordo.

«As horas eram intermináveis, disse o capitão, com semblante grave, voz cheia de reminiscência. Organizámos pequenas reuniões de oração, de manhã e à noite. Um dos companheiros tinha consigo a Bíblia. Sustentámo-nos com a sua leitura, pois não tínhamos alimento — apenas quatro laranjas, um pouco de água e duas linhas de pesca, mas nenhuma isca. No oitavo dia, atormentados pela angústia da fome e da sede, orámos sincera e humildemente por livramento. Se não tivesse sete testemunhas, não ousaria contar esta história, pois parece fantástica. Mas dentro de uma hora, depois daquela reunião de oração, veio uma gaivota e pousou sobre minha cabeça! Foi a isca que nos habilitou a pescar. Havíamos orado sincera e humildemente por livramento e Deus ouviu nosso clamor e a ele atendeu.»

VIBRAÇÃO

por Samuel D. Kettle

Um coração está contente quando todas as coisas vão bem; há saúde, boas relações sociais e recursos para prover as necessidades primárias da vida.

Um coração está alegre quando as coisas passam do nível normal para uma atmosfera de maior satisfação; é um presente recebido, um abraço inesperado ou um obséquo prestado.

No entanto, um coração só chega a vibrar quando todas as coisas ultrapassam as expectativas e causam completo deleite. Um coração chega a vibrar quando além de contente e alegre — escalas normais da vida — ele fica repleto de alguma coisa.

O coração de David participou dessa vibração ao declarar: «Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus meu; sim a Tua Lei está dentro do meu coração». Salmo 40:8. O coração de David estava dominado pelo prazer de pertencer a Deus, e de guardar Sua santa lei, pelo poder divino.

É necessário que os filhos de Deus continuem vibrando pelas coisas celestiais, mormente quanto mais se aproxima o dia da perene vitória dos remidos. Como é de se lamentar que muitos membros da Igreja de Deus vibrem mais pelas coisas do mundo do que pelas coisas de Deus! Muitas vezes damos uma impressão negativa do que venha a ser a nossa experiência com Cristo. Parece não estarmos inteiramente dominados pelo Salvador e completamente libertos do poder do pecado. Precisamos vibrar por Cristo. Precisamos vibrar por termos sido libertos do poder de Satanás.

A mensageira da Igreja de Deus para o nosso tempo nos faz solene advertência a esse respeito: «Se... prestamos (a Deus) apenas uma obediência parcial, com a metade do coração,

Suas promessas não se cumprirão em nós». A Ciência do Bom Viver, pág. 227. Não é exactamente isso que ocorre com os cristãos que não vibram por Cristo? Não vibram porque o seu coração está parcialmente ligado ao mundo. A Santa Bíblia está assinalada por pessoas que vibraram pelo Senhor:

De Jesus, lemos: «Deleitar-se-á no temor do Senhor». Isaías 11:3.

De Ana: «O meu coração se regozija no Senhor, a minha força está exaltada no Senhor». I Samuel 2:1.

De David, notemos a sua felicidade por ter sido convidado a ir à casa de Deus: «Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor». Salmos 122:1.

De Paulo, como demonstram estas palavras: «Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo». 1 Cor. 15:57.

Não há discussão: O cristão contente é uma boa coisa; o cristão alegre é uma óptima coisa; mas o cristão que vibra é a coisa mais excelente que pode haver sobre a terra.

O cristão que vibra não falta à casa do Senhor.

O cristão que vibra é fiel ao Senhor nos dízimos e ofertas.

O cristão que vibra estuda diariamente a Santa Bíblia e examina com fervor o Espírito de Profecia.

O cristão que vibra sai para o trabalho missionário aos sábados à tarde.

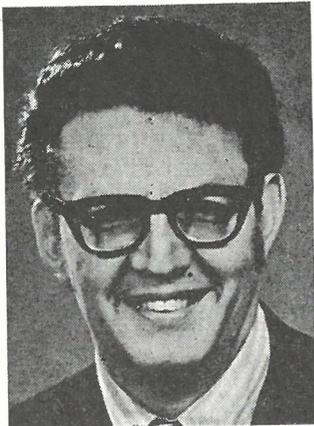
O cristão que vibra tem verdadeira paixão pelas almas que precisam ser libertas do pecado.

O cristão que vibra conduz outras almas aos pés da cruz.

O cristão que vibra está preparado quando Jesus voltar.

Não queres ser um cristão que vibre?

Notícias do Campo



Dr. Ridgley

DR. H. D. RIDGLEY

De 15 a 23 do passado mês de Maio, esteve entre nós o Dr. H. D. Ridgley, que na qualidade de secretário do Departamento Médico e do Departamento da Temperança, veio tomar contacto com o trabalho destes dois departamentos entre nós.

qual colaboraram cerca de trinta grupos de irmãos e jovens, aproximadamente 200 Bíblias foram entregues a pessoas que terminaram com êxito este curso.



Entrega dos Certificados de Baptismo

NOVOS MISSIONÁRIOS

Edite Hoyler

A fim de ocupar o cargo de Perceptora do Instituto do Bongo, vinda do Brasil, chegou a Angola no passado mês de Maio, a irmã Edite Hoyler a quem o Boletim deseja as mais ricas bênçãos em sua nova actividade.

Perciliana Rabello Leça

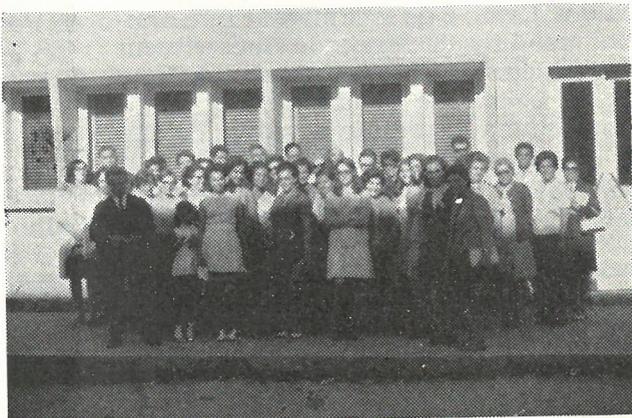
Vinda igualmente do Brasil, chegou a Angola no passado mês de Junho, a irmã Perciliana Rabello Leça, que na qualidade de enfermeira, dará o seu contributo ao Hospital do Bongo. A nossa prezada irmã deseja igualmente o Boletim as mais ricas bênçãos em sua actividade neste Departamento.

NOTÍCIAS DE NOVA LISBOA

A Bíblia Responde

Terminou no passado mês de Junho, mais uma Campanha de A Bíblia Responde, que foi levada a efeito nos bairros periféricos de Nova Lisboa. Nesta Campanha na

No final da Campanha realizámos mais uma vez uma série de palestras durante uma semana, que foram dirigidas pelo Pastor



Grupo de obreiros leigos que colaboraram na última campanha da Bíblia Responde

J. Morgado. No último dia, Sábado, teve lugar uma bela cerimónia baptismal na qual cinco novas almas se entregaram ao Senhor através das águas do baptismo.

Constatamos com prazer que algumas das pessoas que terminaram este curso frequentam presentemente com regularidade a nossa Igreja.

Eleva-se neste momento a cerca de mil o número de Bíblias distribuídas nesta cidade.

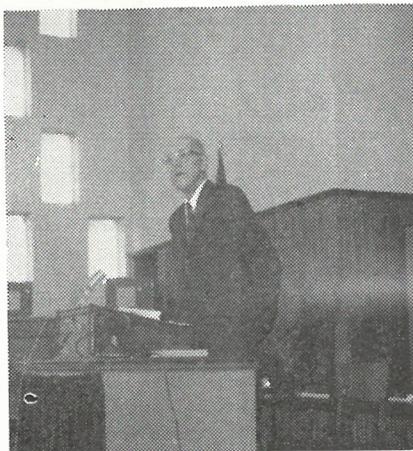


A mãe mais velha e a mãe mais nova na Festa das Mães

Curso de Culinária e palestras sobre a Reforma da Saúde

Durante o mês de Maio e parte do mês de Junho, teve lugar na nossa Igreja o primeiro Curso de Culinária que obteve verdadeiro êxito, pois muitas pessoas estranhas à nossa Igreja regularmente assistiram a este Curso.

Compunha-se este Curso de duas partes distintas. Uma parte teórica que foi dirigida pelo Sr. Dr. Roy Parsons que gentilmente acedeu ao nosso pedido. Estas palestras tinham lugar aos Domingos às 15 horas e uma boa e regular assistência seguiu até ao fim as

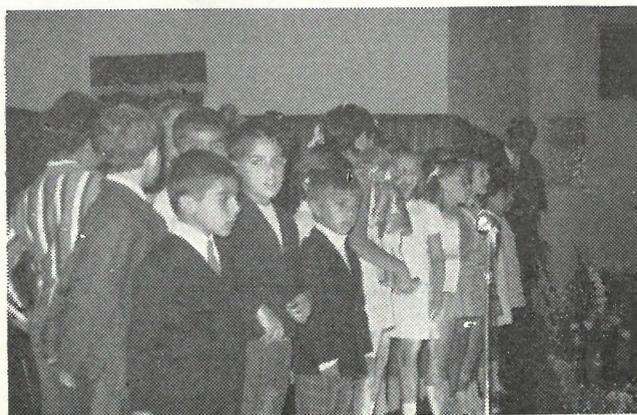


O Dr. Parsons no uso da palavra em suas palestras

interessantes palestras que chamaram a nossa atenção para a necessidade de cuidar do nosso corpo. Ao Dr. Roy Parsons um muito obrigado pela sua preciosíssima colaboração.

A segunda parte deste Curso compunha-se de aulas práticas, durante a qual um grupo de irmãs tinha a oportunidade de apresentar alguns pratos de cozinha vegetariana e ao mesmo tempo a maneira de os preparar. Estas aulas práticas foram seguidas com bastante entusiasmo até ao fim.

Logo que uma oportunidade se apresente, realizaremos um outro Curso, pois muitas pessoas, talvez um pouco cépticas, ficaram com pena de não terem assistido.

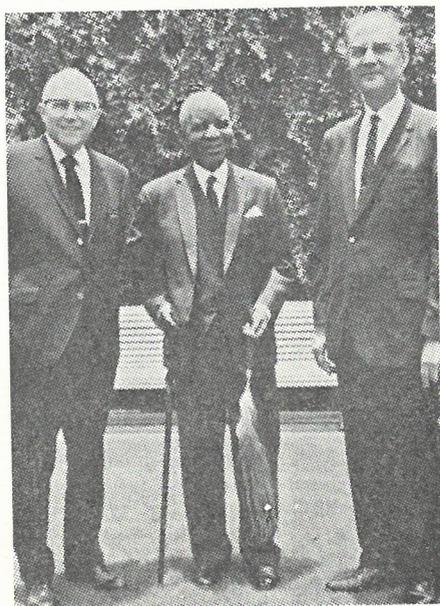


Grupo de crianças entoando um cântico na Festa das Mães

Festa das Mães

A habitual Festa das Mães, que foi realizada no último domingo do passado mês de Maio, foi um verdadeiro êxito. Belos cânticos, maravilhosas poesias e interessantes peças constituíram este programa levado a efeito pelos nossos jovens.

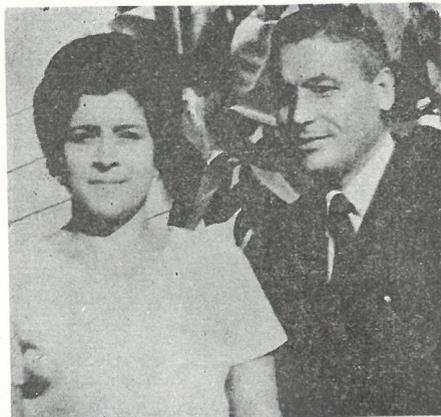
A Mensagem Adventista no Mundo



Os irmãos R. Pierson e M. L. Mills na companhia do Dr. Banda, presidente do Malawi

COLPORTOR-EVANGELISTA, COMEÇA O TRABALHO NO SUDÃO

Nathan Ratih, um Colporteur-Evangelista Egípcio, foi convidado pela Divisão do Médio Oriente para se deslocar ao Sudão e aí



Nathan Ratih, Colporteur-Evangelista egípcio, com sua esposa

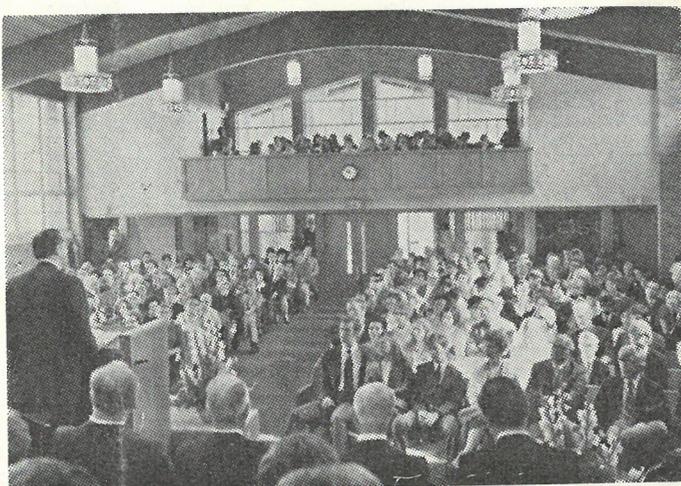
DIVISÃO TRANS-AFRICANA

Por ocasião do quinquagésimo aniversário da Divisão Trans-Africana, teve lugar em Blantyre, no Malawi, uma importante reunião que contou com a presença do irmão R. H. Pierson, Presidente da Conferência Geral e do irmão M. L. Mills, presidente da Divisão Trans-Africana.

Estes dois irmãos tiveram a ocasião de se encontrarem com o Dr. Kamuzu Banda, Presidente do Malawi.

DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA ITALIANA EM CHICAGO

Foi dedicada recentemente uma Igreja para os imigrantes Italianos na cidade de Chicago. O Irmão F. W. Wernick, dirigiu o sermão de dedicação. O irmão J. D. Valcarenghi é o Pastor desta Igreja. A cidade de Chicago já possui Igrejas para outros grupos, alemães, checos, poloneses e jugoslavos.



Interior da Igreja dedicada aos imigrantes italianos, em Chicago